

JULIANA CRISTINA DE MACEDO

TROPEIRISMO, A IDENTIDADE CULTURAL DE SOROCABA

CELACC- ECA- USP

2011

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO- AMERICANO SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

TROPEIRISMO, A IDENTIDADE CULTURAL DE SOROCABA

Aluna: **Juliana Cristina de Macedo.**

Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Sorocaba.

Trabalho de conclusão de curso, especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Sob orientação do Prof. Juarez Xavier.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
2011

RESUMO

A vinculação entre o Tropeirismo e a identidade cultural da cidade de Sorocaba, deve partir da valorização do patrimônio cultural intangível. Os tropeiros, como categoria representativa de uma condição econômica, política e cultural da sociedade paulista, contribuíram para o desenvolvimento do comércio e da indústria local e deixaram suas raízes na cidade que consolidou uma abordagem teórica sobre o fenômeno cultural da região, o “Tropeirismo Sorocabano”. Com a evolução, a mudança de comportamento e as novas gerações, a valorização dessas raízes tradicionais que marcaram a identidade cultural da cidade, seu crescimento e desenvolvimento, pode se perder e o interesse se dispersar caso não sejam acompanhadas pela linguagem atual. O objetivo desta pesquisa é encontrar formas de vencer o desafio resgatar essa realidade, não tão distante, tornando acessível a vinculação entre o Tropeirismo e Sorocaba, despertando o interesse da população que mal tem conhecimento desse peculiar fenômeno cultural da região.

Palavras-chave: História e Cultura; Linguagem Regional; Realidade Local; Tropeirismo; Sorocaba

ABSTRACT

The connection between Movement of drovers and culture identity of the city of Sorocaba, must start from the valuation of intangible cultural heritage, the drovers as class representative of an economic condition, political and cultural society of São Paulo contributed to the development of commerce and local industry and left its roots in the city that established a theoretical approach to the cultural phenomenon of the region "The movement of drovers", with evolution, behavior changing and the younger generation's appreciation of these traditional roots that have marked the city's cultural identity, their growth and development may lose their values and wake a disinterest if not followed with the current language, the goal of this research is to find ways to overcome the challenge of popularizing, rescue that reality and become accessible this connection between The movement of drovers and increasing interest of population that barely aware of this cultural phenomenon in the region.

Keywords: History and Culture, Language Regional, Local Reality; Movement of drovers; Sorocaba

RESUMEN

La vinculación entre el Tropeirismo y la identidad cultural de la ciudad de Sorocaba, debe partir de la valorización del patrimonio cultural intangible. Los troperos, como categoría representativa de una condición económica, política y cultural de la sociedad paulista, contribuirán para o desenvolvimiento del comercio y de la industria local y dejaron sus raíces, en la ciudad que consolidó una abordaje teórica sobre el fenómeno cultural de la región, el “Tropeirismo Sorocabano”. Con la evolución, la mudanza de comportamiento e las novas generaciones, la valorización de esas raíces tradicionales que marcaron la identidad cultural de la ciudad, su crecimiento y desenvolvimiento, puede se perder y lo interés dispersar caso no acompañado por el lenguaje actual. El objetivo de esa pesquisa es encontrar formas de vencer el desafío, recatar esa realidad, no distante, tornando accesible a la vinculación entre el Tropeirismo y Sorocaba, despertando el interés de la población que mal tiene el conocimiento de ese peculiar fenómeno cultural de la región.

Palabras clave: Historia y cultura, lengua realidad regional, local; Tropeirismo; Sorocaba

INTRODUÇÃO

Os tropeiros, cujo papel foi inquestionável, tanto no desenvolvimento do transporte de cargas como nas relações sociais e humanas que viriam desempenhar. Com o tempo passaram a ser aceitos, respeitados e valorizados, exercendo as mais variadas funções, como “correio” levando e trazendo notícias entre os pontos de pouso e povoados, caminho das tropas. Os tropeiros estacionavam em Sorocaba, intermediavam negócios entre os comerciantes que serviam, gerando a feira de muares onde comercializavam animais, permitindo o desenvolvimento do comércio e da indústria local, popularizando produtos como: facas, facões, redes, doces, peças de ouro para montaria feita por moradores e contribuindo para o crescimento e economia da cidade.

O Tropeirismo foi o período mais importante para a cidade, para a história de Sorocaba. Gerou recursos para o crescimento econômico, desenvolvimento cultural, influências dos traços culturais gaúchos como vestimentas, linguagem, costumes e sotaques enraizando suas origens na cidade de Sorocaba e criando uma identidade própria.

Os estudos sobre identidade cultural emergem da necessidade de compreensão da relação entre homem e sociedade, pois é através do jogo identitário que se estabelecem as trocas entre indivíduo-indivíduo, indivíduo-sociedade e sociedade-sociedades. As identidades culturais não são naturais, são construções discursivas e simbólicas, mediada pela linguagem e tensionada pelo jogo de poder, no qual falamos sobre nós e o outro numa relação entre igualdade e alteridade, para nos localizarmos socialmente e definirmos a que grupos pertencemos ou não.

Para o Interacionismo Simbólico, homem e sociedade são frutos das relações comunicativas que mantêm com outros indivíduos, com as instituições sociais, com outros discursos a que são expostos e com os laços que estabelecem, ou seja, o indivíduo e a sociedade constroem cotidianamente a realidade e são mutuamente influenciados e moldados.

Com a pós-modernidade, as identidades entraram em crise como afirmam Bauman (2005) e Hall (2003). O primeiro autor alega que na contemporaneidade, ou seja; no “líquido-moderno”, as relações socioculturais se estabelecem a partir do “homem sem vínculos” com as “identidades flutuantes”. Esse pensamento vai ao encontro do argumento de Hall ao afirmar que na modernidade tardia “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (...) identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2003, p.13).

Se no início da modernidade a Nação e o Estado eram os principais geradores de identidades, com a pós-modernidade os processos identitários ocorrem em nível global, nacional e local. Em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2003), Stuart Hall afirma que as identidades culturais na contemporaneidade são fragmentadas, deslocadas e descontínuas. Homi Bhabha concorda com essa visão em, *O Local da Cultura* (2001), ao alegar que as identidades estão em permanente negociação, rearticulação e tradução. As fronteiras são deslocadas e diferenciadas de sua representação como grupos e lugares enunciativos.

A idéia geral de Hall acerca da identidade pode ser assim resumida:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem sujeitos aos quais pode se “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 2000, p.112)

A identidade só é concreta quando verbalizada ou imagetivamente evidenciada, “as identidades são para usar e exibir” (BAUMAN, 2005, p.96). Isso ocorre através da discursividade, que cria sistemas classificatórios, que organizam a vida social e constroem significados, que demarcam a diferença. A abordagem discursiva entende a identificação como uma construção, um processo sempre em processo, ou seja, é ao mesmo tempo uma articulação e uma condição.

Como sabemos, a identidade e a diferença são construções linguísticas e discursivas, que estão submetidas a vetores de força, onde são impostas e disputadas. Elas têm poder de inclusão e exclusão, de demarcação de fronteiras, de classificação e de normalização. Para Laclau (apud HALL, 2000, p.110), “se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio daquilo que a ameaça”. A discursividade cria uma relação de poder, pois quem detém a fala é quem terá o poder para forjar as identidades e marcar posições e diferenças, o que é normalidade e referência, e, dessa forma, travar lutas e negociações no campo cultural. A

fragmentação e volatilização identitária na modernidade tardia ocorreu, em grande parte, devido à globalização e a supressão do espaço-tempo, o homem está em contato com diversas culturas, que podem ser compartilhadas pelo consumismo, pelos meios de comunicação de massa e também pela cultura local, que se coloca como forma de resistência. Na atualidade, a mídia é a principal responsável pela divulgação de múltiplas identidades e pela interconexão de diversas culturas.

A mídia opera como difusora de identidades, como remodeladora de velhas e novas identidades, como experiência existencial, pois é no reconhecimento e na reflexão que construímos nossa identidade, bem como pela alteridade, assim como proporciona o exercício de se olhar com os olhos dos outros. A experiência propiciada pelos meios de comunicação de massa cria possibilidades de construções e negociações identitárias, já “que a(s) identidade(s) é cada vez mais atravessada por mensagens simbólicas, especialmente aquelas midiáticas” (COUTINHO e FELZ, 2007, p.110).

Como vimos, na atualidade a mídia atua como principal palco de conflitos identitários, permitindo representações hegemônicas de algumas identidades sobre as demais.

O TROPEIRISMO DE SEU SIGNIFICADO

O Tropeirismo no Brasil data do século XVII, surgido praticamente na mesma época dos Bandeirantes. Diferente dos Bandeirantes que surgiram com o objetivo de lutar contra indígenas rebeldes e recuperar escravos fugidos, os tropeiros têm em comum com seus contemporâneos o aspecto desbravador de suas jornadas.

Ao invés de buscarem metais preciosos, os tropeiros tinham por finalidade fazer comércio entre as vilas que começavam a se instalar pelo território brasileiro. Tendo seu pioneirismo nas cidades de Sorocaba, Taubaté, Viamão, Santana do Parnaíba e São Vicente. A economia da época foi intensificada por esses cavaleiros, que tiveram um papel importante no transporte de alimentos, metais preciosos, e na disseminação de idéias e notícias entre aldeias e comunidades emergentes, contribuindo assim para a formação cultural dos paulistas. (ALMEIDA, Aluisio. Vida e Morte de Tropeiro, 1971)

Segundo, Patrícia de Oliveira Ramos – mestra educadora em linguagem. Foi o tropeiro, que levou para o território nacional, por séculos, as informações básicas da identidade cultural brasileira. Carregando nos braços e nos lombos de seus animais a produção e com ela a

divulgação de costumes que se manifestam. Esta observação é importante na pesquisa sobre a culinária típica brasileira, os sistemas de transportes, as comunicações e as formas de linguagens. Não se pode ignorar que os tropeiros foram os primeiros “carteiros” e responsáveis pela distribuição de informação e produção, que ajudaram na viabilização da economia.

Apesar de toda essa história, riqueza cultural e econômica, existe um aparente desinteresse da população sorocabana nesse fenômeno cultural da região, poucos sabem sobre o conceito do Tropeirismo Sorocabano e sua identidade cultural. Quando acontecem eventos comemorativos que abrem espaço para esclarecer essa cultura e identidade regional, o público é escasso, pouco esclarecido e sem motivação de descobrir e resgatar a história de sua própria cidade. Mas existem vários estudiosos e pesquisadores que se empenham na valorização da identidade cultural de Sorocaba, e que trabalham para o resgate ou o não esquecimento da história regional que viabilizou toda essa economia que se vive hoje.

O TROPEIRISMO E A CONSTRUÇÃO CULTURAL DE SOROCABA

Em 1960 Aluisio de Almeida, um dos principais historiadores da região de Sorocaba, consolidou uma abordagem teórica sobre o fenômeno cultural da região. Almeida formulou o conceito de “Tropeirismo Sorocabano”, caracterizado pelas particularidades das feiras anuais de muares decorrente do ciclo de “Tropeirismo Brasileiro”.

Almeida publicou três obras fundamentais para o estudo do Tropeirismo em Sorocaba: O Tropeirismo e a feira de Sorocaba (1968), História de Sorocaba (1969) e Vida e Morte de Tropeiro (1971) e define o Tropeirismo como um complexo de fatores geográficos, históricos, sociais, econômicos e psicológicos, relacionados às tropas de transporte em todo país.

Essa interpretação justifica para o autor, a valorização da feira de Sorocaba como evento constituinte não só da economia, mas também da sociedade paulista. Segundo o autor, a feira assumiu a condição de principal etapa na formação do “Tropeirismo Paulista” o “Tropeiro”, e a de representante da cultura sorocabana.

Para Almeida, tropeiro era o representante de uma elite social equivalente à aristocracia rural que, em Sorocaba, era inexistente, pois a monocultura de exportação era pouco difundida e predominava a produção de subsistência pela mão-de-obra livre.

Em 1733 passou a primeira tropa por Sorocaba: era formada por 3.000 animais e conduzida pelo primeiro tropeiro da história, o português Cristóvão Pereira de Abreu. Com o passar dos anos e devido ao hábito das tropas estacionarem em Sorocaba para o comércio, nasceu a Feira de Muares¹, que comercializava, anualmente, entre os meses de abril e maio, de 30.000 a 50.000 animais, distribuídos para todo o país. Vinham paulistas e sulistas com as tropas, chegavam mineiros, cariocas e nordestinos para a compra e troca de animais, transformando a cidade de Sorocaba em um grande centro comercial. A feira de muares atraiu novos moradores e permitiu o desenvolvimento do comércio e da indústria local, popularizando produtos como: facas, facões, redes, doces, peças de ouro para montaria feita por ourives sorocabanos

Segundo Aluísio de Almeida a feira de muares foi a principal atividade local dos séculos XVIII e XIX para acumulação de capital e a preparação para iniciativas empresariais da cidade, indústrias locais, multinacionais e um parque industrial com mais de 25 milhões de metros quadrados. (A CIDADE. Cruzeiro do Sul, ago.2008. Publicação especial)

Vera Ravagnani Job, em um artigo da Academia Sorocabana de Letras, destaca a contribuição do tropeiro para o amadurecimento da nação relacionando o Tropeirismo ao liberalismo. A autora induz à identificação do tropeiro como categoria representativa de uma condição econômica, política e cultural da sociedade paulista e, ao mesmo tempo, particulariza a contribuição de Sorocaba no processo de consolidação da nação. Desse modo o tropeiro firma-se como representativo de uma condição urbana específica de Sorocaba. “.....”, diz a autora para explicitar o papel desse fenômeno cultural na região.

O TROPEIRISMO E O INTERESSE PARA PESQUISAS DE ESTUDIOSOS.

Em entrevista ao jornal Cruzeiro do Sul, o pesquisador e artista plástico Mario Barboza de Mattos, que teve participação em pelo menos 40 edições das 46 comemorações da Semana do Tropeiro em Sorocaba, fala sobre seus estudos em relação ao Tropeirismo.

Para o historiador o tema Tropeirismo gera certo desinteresse na população sorocabana, mas não há motivos para “alarmismos”, pois nada mais é que uma consequência da evolução, da mudança de comportamento. Mattos diz que é preciso deixar claro que o que se assiste não é culpa de ninguém. Sorocaba experimentou nos últimos anos, uma “explosão” de mudanças de comportamento. Não se pode alimentar a pretensão de que as novas gerações guardem um apego as raízes tradicionais. Não ao menos, se não são orientadas como deveriam ser.

Segundo o Mattos, o Tropeirismo não é autóctone, ou seja, não nasceu em Sorocaba. Logo a cidade não pode reivindicar quaisquer direitos de patente sobre o ciclo histórico, que tem inegavelmente sua importância, mas que deriva de outra região e trouxe consigo características e traços próprios. Porém o que é de Sorocaba continuará a pertencer a Sorocaba, como a linguagem, ou seja, o sotaque sorocabano que tem suas influências dos tropeiros, que vinham da região sul, e hoje apresenta o falar cantado, o “leite quente” e diminutivos explorados dos tropeiros que tiveram passagem pela cidade, derivado dos gaúchos, e que só a região de Sorocaba possui. O que cabe agora é encontrar formas de vencer o desafio de popularizá-lo, torná-lo acessível, resgatar a realidade. Mattos não fala de pasteurização, mas de uma readequação.

RESGATE DO TROPEIRISMO E SEUS ESTUDOS.

Apesar do aparente desinteresse da população pelo marco histórico da cidade, o Tropeirismo desperta interesse entre os estudiosos, prova disso é o trabalho incansável de pesquisadores como Vera Job, Adolfo Friolli, Geraldo Bonadio entre outros, indicam esse interesse, com diversos artigos, palestras, eventos voltados ao “Tropeirismo Sorocabano” procurando valorizar a história e a identidade cultural da cidade.

Em entrevista com José Rubens Incao, organizador da Semana Tropeira de Sorocaba, e grande pesquisador dos registros históricos da cidade, o evento precisa passar por uns retoques, é necessário criar uma dinâmica, tornar-se atraente, e conversar com nosso mundo

e linguagem cotidiana. Precisa-se de um símbolo, um marco, é necessário trabalhar com a permanência de traços culturais tropeiros nos habitantes atuais de Sorocaba, como a linguagem, a música, que faz parte da realidade da cidade. A geração de hoje não tem interesse em estudar as vestimentas usadas pelos tropeiros, o comércio e troca de mulas ocorridas a mais de 300 anos atrás, esses estudos não despertam interesse, pois não fazem parte da realidade. É necessário acompanhar a evolução e valorizar o que ainda permanece das raízes, o resgate da identidade cultural de Sorocaba, precisa ser feito de maneira que converse com as novas gerações.

A identificação se faz quando se tem (ou se imagina ter) uma identidade a que recorrer. Um exemplo da permanência de traços culturais tropeiros nos habitantes atuais de Sorocaba, são os artistas da região, como o grupo Viola Tropeira que diz “Um povo só se diferencia e torna-se único quando mantém seus traços culturais vivos. Para isso faz-se necessário conhecer nas tradições a origem do composto daquilo que somos” o grupo é coordenado por Ricardo Anastácio violeiro, pesquisador e incentivador do caipirismo da região, onde se reúnem aos sábados à tarde, para tocarem um repertório de música raiz, explorando ritmos, ponteados, recortados da viola.

Além desses aspectos, é incontestável o reconhecimento de uma “forma de falar diferente”, nada mais que o sotaque caipira da região, hoje já amalgamada com diversos sotaques e variantes fonológicas, mas ainda assim percebida, “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade.” Que a língua é um objeto de cultura é fato contra o qual não se pode argumentar. Que o léxico é parte constitutiva e fundamental de uma língua também o é. Então nada melhor que unir essas duas raízes permanentes na região. Ricardo Anastácio fundador da Viola Tropeira², fala um pouco sobre a origem da linguagem e cultura caipira.

Hoje as festas "caipiras" que se encontram nas cidades e nas escolas não passam de caricaturas de uma realidade maior. Foi criada uma deturpação do que o povo brasileiro possui de mais profundo e encantador em suas raízes. "A primeira mistura", a pedra fundamental. O falar errado do caipira não é proposital. Permanecendo ele afastado das cidades, mantém no seu dialeto, muito conhecimento, que o homem da cidade já perdeu, com sua prosperidade aparente. O caipira conhece as horas apenas olhando para o céu e vendo a posição do sol. Sabe se no dia seguinte virá chuva ou não,

pois conhece a fundo o mundo natural. Tem um chá para cada doença, uma simpatia para cada tristeza... Para o citadino o caipira virou motivo de divertimento, quando deveria ser o exemplo de amor à terra. Do antepassado Índio ele herdou a familiaridade com a mata, o faro na caça, a arte das ervas, o encantamento das lendas. Do branco a língua, costumes, crenças e a viola, que acabou sendo um dos símbolos de sua resistência pacífica. Hoje estão querendo fazer uma fusão cultural, a do "caipira" com o "country" americano. O que se vê, é gente fantasiada de "cowboy", mas que não sabe sequer em qual fase da lua estamos.....(O CAIPIRA / DONADIO CATARINA VANDA)

Deste modo, a proposta aqui, pretende colaborar para uma compreensão da cultura regional especificamente da região de Sorocaba através da música e do estudo do léxico empregado para referir à cultura desse local delimitado geográfica e historicamente.

As marcas do Tropeirismo podem ser evidenciadas na linguagem empregada no discurso escrito, desprovido do “sotaque” que é considerado peculiar na linguagem oral do sorocabano.

“E aí a questão da integridade cultural, da identidade própria, da genuinidade cultural continuam existindo, mas seguramente numa outra dimensão, numa dimensão em que não existe fixação no passado, mas em que a identidade é entendida também dentro de um processo histórico em transformação.” (POZENATO, 2003, p. 28). Assim como na língua se pode expressar um determinado significado que permanece idêntico em suas linhas gerais, através de formulações diferentes de linguagem, também na cultura um significado, em princípio idêntico, pode encontrar significações das mais variadas.” (POZENATO, 2003, p. 28)

O livro Travessia³, recém lançado pela jornalista Juliana Simonetti, citado por Mattos, sintetiza, “a esperança de o Tropeirismo ter longa vida”. A autora usa linguagem apropriada ao fenômeno, na pesquisa, o que é uma proeza, já que outras narrativas históricas não usam esse procedimento metodológico, pois privilegiam uma estética que não conduz com essa realidade.

Mattos, fala em levar esse símbolo e destacar essa abordagem histórica na Academia Sorocaba de Letras, onde se concentra o maior número de pesquisadores sobre o tema, e usar como base de estudo de linguagem o conto “300 Onças” de João Simões Lopes Neto um texto que trata da fibra, capacidade de superação, temperança e obstinação do tropeiro como valores culturais.

No livro, composto por dezenove contos, destaca-se a qualidade do narrador sobre o gaúcho, guerreiro, trabalhador, rústico, ao fazer de Blau Nunes o narrador de *Contos Gauchescos*, Simões Lopes Neto enfrentou um problema que nenhum outro escritor brasileiro até então solucionara: que linguagem utilizar? A norma culta soaria falsa e artificial. O linguajar do peão romperia a convenção literária e se isolaria na forma de expressão de um grupo. Simões Lopes Neto solucionou esse problema da seguinte forma: fez largo uso do léxico e eventualmente da sintaxe próprios da linguagem da campanha, mas submetendo-os a morfologia da norma culta. Assim, ele manteve a “cor local”, própria do regionalismo, sem romper com a tradição literária, fazendo universal também a sua linguagem Tropeira, a fixação cultura gaúcha a oralidade e o regionalismo da linguagem.

CONCLUSÃO

Após a pesquisa e estudo desenvolvido acerca das relações entre a identidade cultural de Sorocaba e as raízes Tropeiras, podemos chegar a algumas considerações finais.

O Tropeirismo teve grande importância para o desenvolvimento econômico, político e cultural da cidade, os tropeiros deixaram suas raízes na cidade, o que de certa forma ajudou para criar uma identidade própria para Sorocaba com base nas influências Tropeiras, ou seja, dos costumes gaúchos, como vestimentas, linguagem, entre outros.

Os pesquisadores, estudiosos, e pioneiros nas organizações das comemorações da semana Tropeira de Sorocaba se preocupam em manter essas tradições, porém elas não acompanham mais a realidade da população, causando certo desinteresse em manter essa identidade cultural que a cidade possui.

Com base nas pesquisas realizadas, a melhor maneira de manter essa identidade, é utilizar o que ainda está presente no cotidiano sorocabano e resgatar as raízes Tropeiras, aproveitando

espaços visitados diariamente pela população, como escolas, centros culturais da cidade, eventos comemorativos, através de aulas de teatro, música, dança, poesia, artesanato oferecidos pelas instituições da cidade e projetos culturais educacionais, utilizando temas como o regionalismo da linguagem, da música caipira, que conversam com a realidade local e acabam despertando interesse da população sorocabana, que hoje vive essa cultura no dia-a-dia, mas não tem conhecimento da sua origem.

REFERÊNCIAS

- CHIZZOTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios**: Revistas Portuguesa de Educação 2003
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 2003
- DEFFONTAINES, Pierre. **A feira de burros de Sorocaba**, 1935
- ALMEIDA, Aluisio. **História de Sorocaba**, 1969
- _____. **Vida e Morte de Tropeiro**, 1971
- RIBEIRO, Darcy. **Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**, São Paulo. **Companhia das Letras**, 1995.
- BADINNI, Cássia Maria. **Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano**: FAPESP 2002
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.103-133.
- _____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COUTINHO, Iluska; FELZ, Jorge. **Imagem e Identidade: memória e representação no discurso midiático. Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JOB, Vera Ravagnani. **43ª Semana do Tropeiro de Sorocaba**. Jornal Cruzeiro do Sul, pág.1, caderno B. 25/05/2010
- FRIOLLI, Adolfo. Revista Bianchini. **Sorocaba passada a limpo**, 22/07/2008
- BONADIO, Geraldo Bonadio. **Um potencial adormecido**, (acessado em 10/12/2010) <http://www.memoriaviva.org.br/default.asp?id=1&mnu=1&ACT=5&content=1862>
- ANASTÁCIO, Ricardo. **Origem: Viola Tropeira** (acessado em 15/12/2010) <http://www.violatropeira.com.br/origem.htm>

Notas

¹ A feira de muares de Sorocaba foi um evento do ciclo do Tropeirismo durante o século XVIII. Teve início com a passagem, em 1733, das primeiras tropas de muares pelas ruas de Sorocaba, conduzidas pelo coronel gaúcho Cristóvão Pereira de Abreu, um dos fundadores do Rio Grande do Sul. Esta feira tornou a cidade uma parada obrigatória para os tropeiros, os quais vinham de todos os estados brasileiros para vender, comprar ou trocar seus animais. A feira de muares atraiu novos moradores e permitiu o desenvolvimento do comércio e da indústria local.

² Orquestra de Viola Tropeira, sob a regência de Ricardo Anastácio que comanda 40 alunos das oficinas apoiadas pela Lei de Incentivo à Cultura (Linc).

³ O Livro Travessia, lançado em 2010, de Juliana Simonetti, jornalista do Cruzeiro do Sul, escritora e membro da Academia Sorocabana de Letras, explora a rota dos tropeiros a linguagem e seus costumes.